

FLORESTAN FERNANDES E A CONSTRUÇÃO DE UM PADRÃO CIENTÍFICO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Marcelo Augusto Totti

Unesp-Araraquara

6. Intelectuais, Pensamento social e educação

Introdução

Florestan Fernandes foi um intelectual preocupado em estabelecer um padrão científico nas análises dos problemas sociais brasileiros. A educação na concepção de Florestan era um desses graves problemas da sociedade brasileira, sua preocupação pautava-se em diferentes aspectos das questões educacionais, a vida como professor e educador fez de Florestan um incansável lutador da educação pública, mas as contribuições do sociólogo Florestan que “encara a educação como objeto de análise científica seja como campo de intervenção prática, ambos os aspectos requerendo, de forma articulada, a contribuição do sociólogo e sua colaboração com os educadores na obra de reconstrução do sistema educacional brasileiro” (SAVIANI, 1996, p.78)

A contribuição de Florestan aos estudos educacionais, refere-se ao remodelamento feito por esse autor, pautando por padrões racionais de trabalho intelectual, construindo um novo padrão científico de análise dos estudos educacionais em que há uma prevalência do rigor metodológico e da objetividade. Dessa forma, pretendemos analisar como Florestan arquitetou esse padrão científico de um ponto de vista histórico, procurando observar os modos de pensar a educação dentro de um itinerário histórico que vai da primeira República até os anos 1950.

Para efeito de nossa análise utilizaremos uma periodização clássica sugerida pelo próprio Florestan, que aponta o desenvolvimento da ciências sociais no Brasil em três fase; um primeiro período que se denominou de pré-científico, mesmo diante da qualidade e da quantidade dos trabalhos realizados esse período “é irrelevante para o progresso da ciência” (SANTOS, 2002, p.31).

O segundo período é basicamente ligado à “institucionalização das atividades científico-sociais, na qual se atribui o caráter de divisor de águas entre o período pré-científico e o período científico da produção intelectual brasileira” (SANTOS, 2002, p.30). apesar de ser um divisor de águas, a contribuição dos intelectuais do período carecia de

base empírica e estava excessivamente preocupado com o trabalho teórico, somente na década de 1950 é que estaríamos assistindo ao florescimento definitivo dos estudos sociais científicos no país. Neste contexto, passaremos a reconstrução dessas duas primeiras fases do desenvolvimento científico dos estudos sociais brasileiros, para posteriormente, compreender a construção de um padrão científico erigido por Florestan Fernandes.

O Período pré-científico

O surgimento de uma inteligência está estritamente ligada ao desenvolvimento histórico-social do Brasil, os debates em torno da abolição ocasionaram as primeiras tentativas de explorar a reflexão sociológica como crítica social. O movimento abolicionista cria uma massa crítica que leva a “primeira grande experiência histórica de populações urbanas ou rural urbanas brasileiras na esfera da secularização do pensamento e dos modos de entender o funcionamento das instituições” (FERNANDES, 1958, p.195).

Com o movimento abolicionista começa-se a questionar valores ligados a sociedade escravocrata, das incompatibilidades de uma nascente sociedade moderna com trabalho livre e a ordem senhoril da escravatura. A questão educacional surge dessa reflexão política mais ampla, sobre a fragilidade de se ampliar os processos decisórios da nascente República que estariam sustentadas em um povo sem instrução. Desse modo, a questão educacional desdobra-se em duas idéias, conforme explica Rocha: “1) da exigência da incorporação do povo à nação; 2) e da insuficiência do povo para o exercício da cidadania” (2004, p.18)

A questão primordial era como construir uma nação sem povo, a educação passa ter um papel relevante e o Estado aparece como promotor de políticas que levassem a transformação da sociedade brasileira. Alberto Torres¹ é a inflexão desse paradigma republicano, sua visão funda-se na necessidade de incorporar o povo a nação.

Rocha (2004) salienta existir uma dialética entre indivíduo e sociedade no pensamento de Torres, ao mesmo tempo em que os padrões sociais interferem na conduta do indivíduos, os procedimentos sociais também teriam interferência individuais e seriam conduzidos por paixões, interesses, amizades. Essa visão leva Torres a uma noção da impossibilidade de criar consensos, o que “há de consenso na política da nação é o

¹ Segundo Florestan Fernandes (1958, p.197) Alberto Torres foi o autor cujas obras conseguiram estabelecer tipicamente a ligação entre a análise histórica e as intenções pragmáticas, inerentes a semelhantes orientações ideológicas e utópicas... Ele ocupa o papel de pioneiro na formulação pragmática do pensamento sociológico do Brasil”.

interesse indiscutível de seu povo, de sua terra, de sua nacionalidade” (ROCHA, 2004, p.47).

Diante disso, Alberto Torres apontava a necessidade de organização nacional e intervenção do Estado na questão educacional, na sua ótica “o único critério eficaz de uma séria política de desenvolvimento de nossa cultura é o critério nacional” (TORRES, 1982, p.94).

Torres acreditava em uma política educacional que estivesse fundamentada em bases mais amplas de proteção social, com objetivos de evitar o êxodo rural, fixando o “homem ao meio agrícola, a habitação para o trabalho rural o amor à terra” (ALMEIDA, 1944, p. 217). Para executar seu projeto de política rural era necessário que os “governos velassem pela educação e seleção intelectual da sociedade, facilitando aos capazes menos afortunados o acesso às escolas e aos cursos superiores” (TORRES, 1914, p.105). A educação profissional aos pequenos lavradores e a educação popular ganham relevo para fixar o homem ao campo e como um dos “fatores de organização nacional” (ALMEIDA, 1944, p. 218).

A preocupação de Torres com a educação estava voltada para a organização e unidade nacional, tomando como referência a realidade vigente, o patriotismo, como formas de despertar no povo brasileiro a consciência nacional rumo a uma grande nação, destaca Torres: “educar o patriotismo é a função dos diretores de opinião, mas educá-lo austera e positivamente, sobre a base da realidade das nossas coisas, para que daí possa surgir a consciência de nossa verdadeira posição no mundo, a de nossos destinos” (TORRES, 1982, p.103)

Mesmo tendo uma visão educacional concatenado com os problemas nacionais, Florestan Fernandes avaliava ser limitados os estudos de Alberto Torres por caracterizar-se com o que denomina de padrão de análise histórico-sociográfica, conduzindo a escolhas de modelos naturalista de explicação genérica e simples, sem um refinamento intelectual, impreterível para análise dos problemas sociais, convertendo a ciência em uma polarização ideológica e mera opinião pessoal de seus divulgadores.

O período de institucionalização

O período de institucionalização dos estudos educacionais passa pelo esforço de vários intelectuais, da criação da Universidade de São Paulo da Escola Livre de Sociologia Paulista, mas a síntese desses esforços é a figura de Fernando de Azevedo que publica em

1935 *Princípios de Sociologia* e em 1940 *Sociologia Educacional: Introdução aos fenômenos educacionais e de suas relações com outros fenômenos sociais*. Essas duas obras forneceriam os elementos teóricos que seriam suficientes para uma análise mais precisa da realidade educacional brasileira.

A inovação de Fernando de Azevedo refere-se ao refinamento teórico ímpar, embasado pela corrente sociológica francesa e temperada pelo pragmatismo deweyano, Fernando de Azevedo elabora uma proposição teórica genuína, na qual estabelece um equilíbrio dinâmico em que os fins sociais são preservados como metas fundamentais de uma educação democrática (TOTTI, 2004).

Neste sentido é que Penna avalia a obra de Azevedo, em especial sobre o conceito de estudos desinteressados: “Fernando de Azevedo não desconhece a estreita relação entre teórica e prática, mas, para ele, as pesquisas mais promissoras, aquelas que justamente mais se prestarão a ser aplicadas, não visam diretamente a uma ação. O que se propõem é a não-intervenção, é a necessidade de pesquisas teóricas, é a crença na imprevisibilidade dos inventos humanos” (PENNA, 1987, p.73).

Azevedo propõem demarcar um campo de ruptura com a tradição anterior. A idéia dos estudos desinteressados remete a necessidade de estudos teóricos, capazes de formar um quadro compreensivo de dissecação e análise das bases empíricas, como demonstra Silva (2002, p.81): “A sociologia educacional de Fernando de Azevedo, no entanto, não se baseia em pesquisas empíricas sobre o sistema educacional brasileiro, é uma sociologia teórica. Mas talvez tenha sido essa base teórica o que possibilitou a atenção da sociologia ao tema educacional”.

Por sua vez, Florestan reitera o valor positivo e a originalidade dessa produção teórica, ressalta a importância e a preocupação de Azevedo de fazer da sociologia e da sociologia da educação uma disciplina com status acadêmico similar ao de outras disciplinas acadêmica como a física, a química e a biologia. As contribuições teóricas de inegável valor de Azevedo, não permitiam uma previsão sobre o futuro dos acontecimentos sociais, o que “nas sociedades de organização democrática, a luta pelo poder e pela preservação ou transformação da ordem social pressupõe a inclusão, no nível intelectual médio, de conhecimentos que proporcionem alguma espécie de previsão sobre o curso futuro dos processo sociais. (FERNANDES, 1958, p. 239).

Essa visão leva Florestan a entender a sociologia e a educação como forma de conhecimentos que sirvam a organização da sociedade, tanto para legitimação como de fundamentação de dada concepção de mundo. Mesmo sendo um herdeiro dessa visão

científica, Florestan rompe com ela e estabelece mais ajustados de observar e principalmente intervenção na realidade educacional e social.

A construção de um padrão científico na educação brasileira.

Florestan Fernandes observa a educação dentro um quadro amplo em que denomina de revolução social brasileira. Esse processo social iniciou-se com a desagregação do sistema servil, com a abolição do antigo regime servil e a implantação da República, dando abertura para uma sociedade democrática e igualitária de respeito a pessoa humana, a dignidade e aos méritos pessoais independentes de cada indivíduo (MATUI, 2001).

A educação não acompanhou esse ritmo de mudança e as instituições educacionais requeriam reformas complexas para inserir a educação nesse ritmo de mudança. As instituições estavam atendendo apenas às necessidades e funções estáticas da educação sistemática, elas se integravam entre si num superorganismo autônomo, alheio e alienado da sociedade, deixam de desempenhar a função inclusiva na sociedade.

Diante da gravidade dos problemas educacionais, os recursos intelectuais fornecidos pela herança cultural da ordem pré-industrial levava a impossibilidade de compreendê-lo objetivamente e tratá-lo de modo eficaz.

Outro problema abordado por Fernandes era a “preparação científica dos educadores se ressentia de seu caráter predominante ‘informativo’ e ‘livresco’, herança da sociedade pré-industrial. Em regra, falta-lhes domínio do ponto de vista científico” (FERNANDES, 1959, p.35). Fernandes “fundamentado em rigoroso aparato conceitual” (CUNHA, 1998, p. 164) propõem a colaboração dos cientistas sociais, como forma de equacionar os problemas educacionais, tendo como base a cooperação interdisciplinar, dando soluções racionais e aplicando a noção de ciência aplicada como fator racional para a mudança social provocada.

Adaptar a educação aos recursos fornecidos pela ciência e às exigências da civilização representa a tarefa de maior urgência e gravidade, com que se defrontam educadores e os cientistas sociais no presente (FERNANDES, 1959, p.35).

As condições estabelecidas por Florestan para adaptar a ciência e educação tem como uma primeira exigência uma nova linguagem, pois o rigor do pensamento exige. Essa matriz é que diferencia o padrão científico de Florestan dos descritos anteriormente, o que torna um estilo “intratável e infrequente de expor seus argumentos, que o diferencia muito dos padrões vigentes até então, rompendo, em nome da ciência, com a forma polida de construir o pensamento e buscando o rigor metodológico” (LAHUERTA, 1999, p.38)

Essa primazia dada ao rigor metodológico e a construção de uma linguagem capaz de expressar essa exigência, foi o alicerce para o surgimento de um discurso essencialmente acadêmico. O auditório de Florestan é específico: os universitários e esse discurso é confeccionado ao convencimento e entendimento desse auditório.

As questões teórico-metodológicas são o curso da interpretação, além de evidenciar grande erudição, sua tentativa é de procurar conciliar teoria e pesquisa, como destaca o próprio Florestan:

Os fins empíricos específicos, os alvos teóricos mais gerais e as possibilidades práticas de cada investigação precisam ser postos em relevo, examinados pacientemente e ponderados como objetivos igualmente essenciais (FERNANDES, 1958, p.229)

Essas orientações teóricas seriam as exigências necessárias para desenvolver um padrão científico plenamente adequado ao conhecimentos científico. Os fins empíricos permitem o levantamento de dados e material necessário a reconstrução dos fenômenos sociais e ao conhecimento do objeto de pesquisa. O trabalho teórico de investigação consiste em ter um arcabouço capaz de dissecar as informações obtidas pelos dados empíricos, transformando os modelos de explicação para uma “nova concepção das relações da pesquisa sociológica com a reconstrução de totalidades empíricas, com as construções teóricas e com a intervenção racional no curso dos processos sociais”(FERNANDES, 1958, p.228).

Poderíamos afirmar que o padrão científico proposto por Fernandes é uma junção das visões pré-científicas e a fase institucional, pois os autores do período pré-científico dão uma ênfase maior a descrição dos fatos e o período de institucionalização a prevalência é o trabalho teórico. Porém, a intervenção racional na realidade relega ao conceito de planejamento que induz o pesquisador a conhecer novas técnicas de controle e previsão.

A ciência aplicada e a educação nela operaram como polarizadores de tendências dinâmicas. A ciência aplicada, como fonte de conhecimentos e de técnicas de exploração prática imediata na solução de problemas novos, a educação, como mecanismo de preservação ou de difusão de tais conhecimentos e técnicas, ou principalmente, como influência formativa do horizonte cultural, que fez da mudança provocada um recurso adaptativo essencial da civilização científica e tecnológica (FERNANDES, 1959, P.37).

A ciência aplicada² está calcada em induzir o pesquisador a diminuir a temática de análise, pré-determinando o objeto de estudo nuclear, delimitando o objeto de estudo a fim de projetar resultados mais precisos e eficazes nas soluções dos problemas educacionais, esse modelo de conhecimento tem como critério regular de descoberta a verdade e a prova.

O planejamento racional, por sua vez, adquiriu um sentido de intencionalidade, objetividade, previsibilidade e racionalidade muito maior do que na visão azevediana de estudos desinteressados, rompendo com o paradigma azevediano de ciência que acreditava na imprevisibilidade dos inventos humanos. A intencionalidade e previsibilidade confere aos sujeitos humanos através da ótica da ciência, interferir e escolher os fins alternativos a que se almeja alcançar, é a tentativa controlada de conduzir a história e a realidade social sob a segurança dos métodos científicos modernos, traçando a priori as diretrizes no devenir histórico, como define Freitag (1987, p.165): “Florestan Fernandes deixa transparecer nesses trabalhos³ sua fé na capacidade da razão e da ciência de captar a dinâmica do processo histórico e nele interferir, atribuindo aos intelectuais e cientistas um papel social preponderante”.

Diante do exposto, podemos avaliar que há uma ruptura de um modelo de ciência pré-científico, tendo uma mudança para o modelo científico azevediano de estudos teóricos desinteressados, passando para outro modelo de ciência arquitetado por Florestan Fernandes, em que alia os estudos teóricos e procedimentos práticos a racionalidade,

² Em uma avaliação do conceito de ciência aplicada, Xavier (1999) considera que a educação foi vista por Florestan como uma “ciência aplicada de segunda categoria, seja em função de sua dimensão multidisciplinar, o que evidenciava ausência de um arcabouço teórico definido, seja pelo estreitamento do horizonte mental do educador”(XAVIER, 1999, P.258). Por outro lado, Matui afirma que apesar de a ciência aplicada nunca abandonar o rigor do método, com previsão e controle, mas garante que é o “professor é quem irá realizar a educação como fator de mudança social provocada. Se o cidadão é o agente histórico preparado com técnicas democráticas, o professor é o agente de formação desse professor”(MATUI, 2001, p.89).

³ A autora refere-se as obras: *Ensaio de Sociologia Geral e aplicada* de 1960, *A sociologia numa era de revolução social* de 1963, *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* de 1965 e outros de artigos e ensaios publicados entre as décadas de 1950 e 1960.

objetividade, planejamento como referência fundamental para uma intervenção científica na sociedade.

Considerações Finais

Cunha (2004), em artigo sobre a ciência e educação nos anos 1950, utilizando a metáfora do percurso, faz uma comparação entre o discurso de Anísio Teixeira que entendia a educação como arte e continha em seu discurso a metáfora do percurso indeterminado. Por outro lado, Florestan Fernandes adotava o discurso da racionalidade, garantindo na educação o percurso determinado, seguro e previamente definido.

O percurso determinado aliado a uma “fixação de padrões universais de trabalho científico”, promove a maioria das ciências sociais no Brasil, Florestan desqualifica toda história cultural e produção intelectual do passado, “O estilo que advém de tal concepção de ciência é seco e analítico, desqualifica o ensaísmo e busca uma nova maneira de pensar. E ainda que fechado em si mesmo, preocupa-se com diferentes questões temáticas e disciplinares, tem verdadeira obsessão pela preocupação teórica e enfatiza bastante a necessidade da atualização permanente” (LAHUERTA, 1999, p.37)

O modelo arquiteto por Florestan Fernandes é um manual do proceder científico, um artesanato intelectual, sua visão de ciência e educação está calcada em entender esses dois fatores como mudança social provocada, em que você planeja e determina o curso futuro do processo histórico e social.

Porém, o percurso determinado de Florestan é construído historicamente, em que pese as conjunturas e as condições de trabalho em determinadas épocas é inegável que sua construção se dá pelo acúmulo e ruptura de paradigmas, a simples periodização dessas passagens não leva a análises mais profundas, torna-se necessário estudos que alargarem o horizonte intelectual, buscando na linguagem e na construção dos argumentos elementos que clarifiquem um padrão científico construído na educação brasileira.

Referências

ALMEIDA, Rui Guimarães de. A política de educação de Alberto Torres. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 212-220, nov. 1944

CUNHA, Marcus Vinicius da. *O discurso educacional renovador no Brasil (1930 – 1960): Um estudo sobre as relações entre escola e família*. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1998. Tese de Livre-Docência Universidade Estadual Paulista, 1998.

CUNHA, Marcus Vinicius da. Ciência e educação na década de 1950: uma reflexão com a metáfora percurso. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: , n.25, p.116 - 126, 2004

FERNANDES, Florestan. *A etnologia e a sociologia no Brasil*. São Paulo: Anhembi, 1958

FERNANDES, Florestan. A ciência aplicada e a educação como fatores de mudança cultura provocada. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 32, n. 75, p. 28-78, jul/ set. 1959.

FREITAG, Bárbara. Democratização, universidade, revolução. In: D'INCAO, Maria Angela. *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra; Unesp, 1987.

LAHUERTA, Milton. *Intelectuais e transição: Entre a política e a profissão*.(Tese de Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.

MATUI, Jiron. *Cidadão e professor em Florestan Fernandes*. São Paulo: Cortez, 2001

PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo: educação e transformação*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. *Matrizes da modernidade republicana: Cultura política e pensamento educacional no Brasil*. Campinas; Brasília: Autores Associados, Plano, 2004.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Roteiro Bibliográfico do pensamento político-social brasileiro (1870-1965)*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; Casa de Oswaldo Cruz, 2002.

SAVIANI, Dermeval. Florestan Fernandes e a educação. *Estudos Avançados*, São Paulo: v.10, n.26, 1996.

SILVA, Graziella Moraes Dias da. *Sociologia da sociologia da educação: Caminhos e desafios de um policy science no Brasil (1920-1979)*. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

TOTTI, Marcelo Totti. Dewey e Durkheim como suportes para o pensamento *Revista do Mestrado em Educação*, São Cristóvão-UFS, v.8, p.45-54, jan/jun. 2004.

XAVIER, Libânia Nacif. *O Brasil como laboratório*. Bragança Paulista: Edusf, 1999.